

Título: A Sensibilidade Aristocrática. A narrativa das culturas nacionais inglesa e norte-americana na ficção e na literatura de viagem de Henry James. / Luiza Larangeira da Silva Mello.

Resumo: No ensaio “A Arte da Ficção” (1884), Henry James sugere que, entre as atividades que podem ser consideradas artísticas, a do romancista se afina sobretudo com aquela do pintor: ambos, para fazer jus à sua arte, não podem abandonar a pretensão de representar a vida. E o fazem através de um olhar muito semelhante. É com este olhar pinturesco que James captura não apenas as paisagens, como também as especificidades sócio-culturais, representadas na série de relatos de viagem publicada em princípios do século XX. Este texto apresenta uma reflexão acerca da comparação, presente nos relatos de viagem de James, entre as culturas nacionais inglesa e norte-americana, em uma época em que valores aristocráticos, em grande medida obsoletos, entram em choque com o *ethos* democrático.

Palavras-chave: Henry James; Estados Unidos; Democracia

Abstract: In the essay “The Art of Fiction” (1884), Henry James suggests that, among the artistic crafts, the craft of the novelist largely seems that of the painter: both try to represent life in the same way. And they do it by a similar kind of look. With this picturesque look, James grasps not only landscapes, but also cultural specificities represented in the series of travel writings which he publishes in the beginning of twentieth century. I will present a reflection about the comparison, in James’ travel writings, between the English and American national cultures, in an epoch which the vastly obsoletes aristocratic values compete with the democratic *ethos*.

Key-words: Henry James; United States; Democracy

*We shall not cease from exploration  
And the end of all our exploring  
Will be to arrive where we started  
And know the place for the first time.  
(T. S. Elliot. Little Gidding)*

O objetivo deste texto será analisar a forma pela qual é apresentada, na obra de Henry James, a questão do lugar ocupado pela criação artística – mais especificamente a literatura de ficção – e pela experiência estética a ela relacionada, em um mundo em que os valores, princípios e modos de vida típicos das sociedades aristocráticas cedem um espaço cada vez maior àqueles vinculados ao *ethos* democrático. Para tanto, pretende-se analisar as representações das culturas nacionais norte-americana e inglesa, na obra de James.

Representações comparativas entre os Estados Unidos e a Europa se encontram presentes em quase todos os gêneros literários que compõem a obra de Henry James. A história do jovem americano – ou, mais comumente, da jovem americana – que viaja pela Europa e experimenta, com frequência de forma amarga, as contradições entre os distintos tipos de sociabilidade que informam o Velho e o Novo Mundos, é quase arquetípica na sua obra de ficção. Mas essas representações contrastantes se encontram também presentes nos seus ensaios de crítica literária, nos seus relatos de viagem e mesmo em sua autobiografia, uma vez que o próprio James foi um jovem norte-americano que se educou em diversos países europeus e passou quase toda a sua vida adulta na Europa. Entre estes gêneros, serão escolhidos, prioritariamente, como objeto da análise, os relatos de viagem. Isso por dois motivos. O primeiro diz respeito à possibilidade de desenvolver uma análise comparativa entre textos de James que têm como objeto as impressões do autor acerca das paisagens, geográficas e sociais, dos Estados Unidos e de alguns países europeus. Foram escolhidos, para tanto, os relatos das viagens à Inglaterra, intitulado *English Hours* (1905) e o relato da viagem aos Estados Unidos, intitulado, *The American Scene* (1907).

O segundo motivo, e possivelmente o de maior relevância, refere-se à semelhança entre o olhar com que o viajante captura as paisagens dos lugares por ele visitados e o olhar com o qual, de acordo com James, o ficcionista deve capturar a *realidade*. A temática do olhar do ficcionista aparece reincidentemente em vários de seus textos críticos, sobretudo nos prefácios às edições nova-iorquinas de seus romances. No ensaio “A Arte da Ficção”, de 1884, ela é apresentada de modo particularmente interessante para a questão que ora se está tratando. Neste ensaio, James sugere que, entre as atividades que podem ser consideradas artísticas, a do romancista se afina sobretudo com aquela do pintor: ambos, para fazer jus à sua arte, não podem abandonar a pretensão de representar a vida. E devem fazê-lo através de um olhar muito semelhante. É com este mesmo olhar pintoresco que James captura as paisagens dos lugares que visita ao longo da segunda metade do século XIX, representadas na série de relatos de viagem publicados em

princípios do século XX. No breve prefácio a *The American Scene*, o autor afirma que a ambição de representar, em seus relatos, “os traços da cena humana” e “as propriedades da atmosfera social” dos Estados Unidos foi acompanhada de uma aguda consciência da enorme dificuldade desta empreitada: “preocupado artisticamente, como sempre fui, com a matéria humana, com a apreciação da vida em si mesma, e, como consequência, com a questão da representação literária, não deveria considerar tais assuntos simples ou sem importância.” (JAMES: 1946: XXVI)

A analogia entre as perspectivas do ficcionista e do viajante – tomando-se como paradigma a do pintor –, torna-se ainda mais rica, como instrumento interpretativo, caso se incorpore o argumento de Georges Van Den Abbeele de que a viagem, como metáfora do pensamento crítico, é um dos *topoi* mais recorrentes da história da literatura no Ocidente. A metáfora da viagem implica, de acordo com Abbeele, um paradoxo. Esse paradoxo diz respeito à possibilidade da metáfora da viagem de referir-se à “distância crítica” em relação a uma determinada ordem, limitada ideológica e institucionalmente, da qual própria metáfora faz parte, enquanto *topos*. Para Abbeele, no entanto, se a natureza de lugar-comum da metáfora da viagem a “encurrala” no sistema em relação ao qual ela pretende constituir uma perspectiva crítica, ela não deixa de ter por isso um efeito liberador em relação a este mesmo sistema. Mais do que isso, o fato de ela estar encurralada em uma determinada ordem epistemológica, estética ou política é a condição de possibilidade deste efeito liberador.

A relação metafórica entre viagem e “distância crítica” e os dois paradoxos que dela decorrem são particularmente interessantes, quando se está tratando da analogia entre o viajante e o ficcionista, porquanto, no caso de Henry James, o viajante é ficcionista, e o ficcionista é um viajante em sua própria terra natal. Dito de outro modo, no caso de James, o deslocamento que a viagem pressupõe significa o retorno ao mesmo lugar, ao lugar da partida. Significa também a possibilidade de estabelecer uma “distância crítica” em relação a si mesmo e à ordem ou sistema a que se pertence. No prefácio acima citado, James considera que a ambivalência de sua condição de *outsider* em seu país de origem é uma condição privilegiada. O privilégio consiste justamente na combinação da imparcialidade da observação, possibilitada pela ausência de muitos anos, e a compreensão profunda, íntima, dada pelo sentido de pertencimento

A condição ambivalente de James, um *outsider* em sua própria terra, é reconhecida e ratificada pelos leitores e pela crítica norte-americanos. Ross Posnock afirma que, na primeira década do século XX, James era considerado, nos Estados Unidos, não apenas uma anomalia,

como também uma presença incômoda. É com esta disposição que são recebidos *The American Scene* e seus romances tardios, como *The Golden Bowl*. Segundo Posnock, H. G. Dwight, um dos mais importantes críticos de James, entre seus contemporâneos, explica a idéia de anomalia, relacionada à obra e ao autor, pela estranheza que o estilo jamesiano provoca em um público majoritariamente acostumado ao estilo telegráfico dos jornais e pelo “indelicado excesso de curiosidade” (POSNOCK, 1991: 143) que caracteriza as representações do país do qual James se auto-exilou durante décadas.

A condição de nativo-*outsider* tomada como uma vantagem, permite que o autor desenvolva um tipo de percepção que é muito semelhante à percepção do ficcionista. Ainda no prefácio a *The American Scene*, James afirma que a sua percepção da realidade e a representação literária dessa realidade não são orientadas por nenhuma espécie de explicação que possa vir a receber sobre o espetáculo que observa, nem, tampouco, por algum dado objetivo – do tipo que oferecem os periódicos, as pesquisas, as estatísticas, os relatórios de analistas especializados. A representação da realidade nestes relatos é orientada, exclusivamente, pelo que James define como as suas “impressões. A ênfase e a valorização positiva do aspecto subjetivo da observação da realidade aponta para uma concepção fenomenológica da criação literária, seja nas narrativas de viagem, seja nas narrativas ficcionais. A matéria-prima da literatura, seja ela ficcional ou não, não é tanto a própria vida, mas as impressões e apreciações da vida. A própria concepção jamesiana de realismo literário se fundamenta na combinação entre experiência e observação distanciada.

A condição de viajante é, por conseguinte, a forma e a substância da própria subjetividade jamesiana. Condição subjetiva que se duplica na medida em que James é um romancista e, portanto, mais uma vez um *outsider*. A condição de *outsider* – do ficcionista e do viajante – é, pela própria definição de James, a “situação aristocrática”: “estar numa melhor posição para apreciar os outros do que eles estão pra apreciar você” (JAMES, 2001: 242).

Apartir do que ficou dito, até este momento, delinea-se um percurso analítico que tem como ponto de partida a idéia de que, para Henry James, condição de possibilidade da criação literária e da experiência estética a ela relacionada é a existência de uma “situação aristocrática”. Este percurso consiste na análise comparativa das representações que James faz das culturas nacionais inglesa e norte-americana, nos relatos de viagem e em alguns textos de ficção; assim como a relação entre essas culturas nacionais e a tensão entre o *ethos* aristocrático e o

democrático. É de fundamental importância, para que esse viés analítico se mostre eficiente, que se proceda a uma matização das oposições binárias entre Novo Mundo e Velho Mundo, aristocracia e democracia, responsabilidade ética e apreciação estética. Há, nos textos de James, uma autonomização dos polos de cada um desses pares e a construção de múltiplas possibilidades de combinação entre eles. Seus relatos de viagem deixam patente que não se pode falar de uma cultura nacional norte-americana unificada: seus fragmentos, ora manifestam a herança anglo-saxã, ora se apresentam como um espetáculo inteiramente novo.

No relato de sua viagem aos Estados Unidos, James compara a sociedade norte-americana a um labirinto e afirma que a percepção do modo pelo qual as instituições democráticas se fazem presentes na cultura nacional americana é uma espécie de fio de Ariadne, que permite orientar-se nele. Um mais adiante, diz que a “consistência democrática” é sentida, em resposta à curiosidade do viajante, como como um “doloroso vazio” – como algo imenso, mas, simultaneamente, deficiente ou ausente (JAMES, 1946: 56). Localizar-se no labirinto depende da capacidade de apreender e compreender o paradoxo de haver consistência neste “doloroso vazio”, i.e., o paradoxo da abstração que constitui o *ethos* democrático nos Estados Unidos.

James representa os Estados Unidos como um mosaico cultural, cuja heterogeneidade é dada pelas discrepâncias culturais entre as regiões que formam o país e pela grande variedade de influências estrangeiras. Na verdade, não se pode nem mesmo falar em influências estrangeiras, pois estas formam a própria substância da cultura nacional americana. A falta de um “passado imemorial” é suprida pela absorção de múltiplas tradições por um país formado por camadas de processos imigratórios. O “Grande Indivíduo Democrático”, este Adão antes da Queda, se singulariza através de um processo de aculturação e absorção, pelas mais diversas tradições, dos valores que integram o *ethos* da democracia americana. Aculturação e absorção que, nem sempre, James vê com bons olhos, mas que testemunha como fato inegável. O mosaico cultural de que são formados os Estados Unidos é, justamente, um mosaico de passados e de tradições que, muitas vezes, estão em tensão e se confrontam e que, no entanto, coexistem. E coexistem arranjados de tal modo que suas particularidades só podem ser preservadas, substancialmente, porque se mantêm coesas sob uma idéia abstrata de nação.

Nova Iorque reedita, de forma particular, a tensão entre valores éticos e estéticos, ou, numa vertente mais pessimista, entre a vulgaridade cultural democrática e a disposição aristocrática para a vida do espírito. A miscelânea em que as recentes imigrações a transformaram

é, na perspectiva de James, a causa da vulgarização do gosto e da decadência das artes. Os imigrantes formam uma massa incapaz de apreciação estética refinada. A visita ao teatro Bowery constitui, para James, a confirmação das previsões tocquevilleanas de que o artista, na sociedade democrática, deverá se submeter às exigências do mercado das artes e ao gosto medíocre e despótico de um público indiferente a questões formais e afeito a preocupações de caráter eminentemente prático e cotidiano.

James identifica os espaços em que se pode reconhecer a “situação aristocrática”, nos Estados Unidos, sobretudo com os espaços em que a herança anglo-saxã se faz sentir mais intensamente. Esses espaços se localizam, sobretudo, nos círculos da alta sociedade nova-iorquina e, de maneira menos evidente, também na bostoniana. A “classe ociosa”<sup>1</sup> americana, principalmente a nova-iorquina, constitui uma espécie de ilha na qual as normas que regem a conduta em sociedade são compatíveis com o *ethos* aristocrático. E o *ethos* aristocrático, segundo James, se apresenta na sua forma mais bem acabada entre os ingleses.

Para tornar este ponto mais claro, recorrer-se-á à análise de Lionel Trilling acerca dos conceitos de sinceridade e autenticidade, na literatura europeia do século XIX, e à distinção que este autor estabelece entre a sinceridade inglesa e a sinceridade norte-americana. Segundo Trilling, o conceito de sinceridade se torna fundamental na cultura europeia a partir da Época Moderna. Ele é forjado concomitantemente a e em relação aos modernos conceitos de sociedade e de indivíduo. Ser sincero, na modernidade, é ser verdadeiro em relação, simultaneamente, a si mesmo (ao seu “eu” individual) e ao mundo social a que se pertence. A partir do século XVIII, entretanto, com a reorganização da relação entre as esferas pública e privada – e, poder-se-ia acrescentar, recorrendo mais uma vez a Tocqueville, com o surgimento dos primeiros sinais da irresistível e universal revolução democrática – a unidade entre os dois aspectos da sinceridade é quebrada. Ser sincero à ordem social a que se pertence não é mais condição para ser sincero a si mesmo. Para alguns, passa a ser considerado um impedimento. A sociedade é apresentanda, segundo Trilling, em parte da literatura e da filosofia europeias, a partir do século XVIII, como corruptora do caráter do indivíduo, de sua capacidade de ser sincero consigo próprio, i. e., de ser *autêntico*. A própria possibilidade de haver divórcio ou contradição entre as crenças e idéias às quais um indivíduo é devoto, privadamente, e aquelas que ele assume publicamente passa a ser

---

<sup>1</sup> No intuito de evitar a imprecisão histórico-conceitual que poderia acarretar a utilização do termo aristocracia no contexto da sociedade norte-americana, preferiu-se utilizar a expressão “classe ociosa” tomada do título do livro de Veblen, T. *A Teoria da Classe Ociosa: um estudo economico das instituições*.

tomada como altamente problemática. Na literatura inglesa do século XIX, todavia, o conceito de sinceridade, em seu duplo significado, é reelaborado de modo a se adequar ao conceito de sinceridade. Para Trilling, há, entre os ingleses, a idéia de que existe um Dever (social) categórico ao qual o indivíduo deve se submeter para preservar a própria autenticidade.

Tendo chegado a este ponto, pode-se afirmar que, para James, a sinceridade, tal como é concebida na *cultura nacional* inglesa, é uma categoria essencialmente aristocrática. Na compilação de relatos de viagem à Inglaterra, *English Hours*, James insiste que o “plano hierárquico da sociedade inglesa” (Id., 2004: 334) é percebido, pelo viajante, nos mais insignificantes e cotidianos detalhes do modo de viver entre os ingleses. O “plano hierárquico” é a pedra basilar de uma “sociedade antiga”, uma sociedade marcada, acima de tudo, por sua “identidade histórica”. (Ibid.: 337) A “grandeza da Inglaterra” (*the greatness of England*) e sua identidade histórica são encarnadas, para James, no império britânico e consistem, em última análise, na sua capacidade de *fazer* algo simultaneamente característico e inesperado. É essa capacidade que encanta, “romanticamente”, todo americano que “remonta, através do rio do tempo, à nascente daquilo a que se mantém leal.” (Ibid.: 341) A sociedade inglesa possui uma densidade e uma impermeabilidade, mas também uma flexibilidade de que carece a sociedade americana. Segundo Trilling, em acordo com alguns de seus coetâneos e conterrâneos, Henry James define a sociedade americana, em comparação com a inglesa, como ‘thinly composed’, “carente da espessa, áspera realidade de que o romancista, tal como ele existia no seu tempo, necessitava para a prática do seu ofício. Ela não lhe oferecia o material palpável, a *substância*, da qual os romances são feitos.” (TRILLING, 1972: 113) Todavia, a análise dos relatos que compõem *The American Scene*, permite uma interpretação um pouco distinta da insubstancialidade da cultura nacional norte-americana. Por um lado, porque a falta de substância que a caracteriza é acompanhada pela capacidade de absorver traços de outras culturas nacionais e, sobretudo, por criar espaços sociais concretos em que são reproduzidas a densidade e impermeabilidade da sociedade inglesa. Por outro lado, porque esta falta de substância concorda com o tipo de sinceridade – muito diferente da sinceridade inglesa – que caracteriza a sociedade americana. E essa sinceridade americana – ou *inocência* – é, ela própria, para Henry James, a substância da cultura nacional americana.

Bibliografia:

JAMES, H. **Collected Travel Writings**. New York: The Library of America, 1993.

\_\_\_\_\_. The Art of Fiction. In: AUCHARD, J. (ed.). **The Portable Henry James**. New York: Penguin Books, 2004.

\_\_\_\_\_. **The Portrait of a Lady**. London: Penguin Books, 2003.

OZOUF, M. **La muse démocratique. Henry James ou les pouvoirs du roman**. Paris: Calmann-Lévy, 1998.

POSNOCK, R. **The Trial of Curiosity. Henry James, William James and the challenge of modernity**. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991.

TOCQUEVILLE, A. **A Democracia na América. Leis e costumes**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TRILLING, L. **Sincerity and Authenticity. The Charles Eliot Norton Lectures, 1969-1970**. London; Cambridge: Harvard University Press, 1972.

SIMMEL, G. Nobility. In: \_\_\_\_\_. **On Individuality and Social Forms**. Chicago/London: University Press of Chicago, 1971.

VAN DEN ABEELE, G. **Travel as Metaphor. From Montaigne to Rousseau**. Oxford; Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.

VEBLEN, T. **A Teoria da Classe Ociosa: um estudo econômico das instituições**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.